**EFETIVIDADE DAS INTERVENÇÕES DA EQUIPE MULTIDISCIPLINAR NO COMBATE À VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA**

Maria Fernanda Bandeira da Silva 1

Graduanda em Enfermagem, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras – Paraíba, Enfnanda1406@gmail.com

Bárbara Lima Felipe 2

Enfermeira, Centro Universitário de Patos, Patos-Paraíba, barbaralima.felipe@gmail.com

Ana Carolina Soares Batista 3

Enfermeira, Faculdade de Medicina Estácio, Juazeiro do Norte- Ceará, [carollsoares@icloud.com](mailto:carollsoares@icloud.com)

Lucas Matheus Formiga Farias 4

Graduando em Medicina, Centro Universitário de Patos, Patos- Paraíba, [lucasfaris@med.fiponline.Edu.br](mailto:lucasfaris@med.fiponline.Edu.br)

Leandra Galdino da Silva 5

Graduanda em Enfermagem, Centro Universitário Santa Maria, Cajazeiras- Paraíba, leandragaldinosilva@gmail.com

Reinan dos Santos Sena 6

Enfermeiro, Unijorge, Salvador- Bahia, [reinansena2016@gmail.com](mailto:reinansena2016@gmail.com)

Rodrigo dos Santos Carvalho 7

Graduando em Enfermagem, Faculdade Integrada da Amazônia, Belém- Pará, [irocarvalho97@gmail.com](mailto:irocarvalho97@gmail.com)

Ana Clara de Oliveira Silva 8

Psicóloga, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Faculdade de Ciências da Saúde do Trairí, Santa Cruz- RN, [ana\_clara1209@hotmail.com](mailto:ana_clara1209@hotmail.com)

Elizabeth Caroline Peixoto Soares 9

Graduanda em Enfermagem, Unama Br, Ananindeua- Pará, [elizaasoso19@gmail.com](mailto:elizaasoso19@gmail.com)

Dicla Aline Semedo da Veiga 10

Graduanda em Medicina, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras- Paraíba, diclaveiga46@gmail.com

Izabella Mota Pontel Pinto 11

Enfermeira, Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais, Belo Horizonte - Minas Gerais, [izabellamotaenf@gmail.com](mailto:izabellamotaenf@gmail.com)

Francisco Pereira de Lima 12

Graduando em Medicina, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras- Paraíba, [francisco.pereira@estudante.ufcg.edu.br](mailto:francisco.pereira@estudante.ufcg.edu.br)

José Matheus Vieira Bezerra 13

Graduando em Enfermagem, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras- Paraíba, [vieira.bezerra@estudante.ufcg.edu.br](mailto:vieira.bezerra@estudante.ufcg.edu.br)

Millena Freitas Nascimento 14

Enfermeira, Universidade Tiradentes, Aracaju- Sergipe, millenafreitas2013@gmail.com

**RESUMO:** A violência obstétrica é uma realidade sombria na experiência de maternidade de muitas mulheres, consistindo em abusos físicos, psicológicos, e verbais perpetrados por profissionais de saúde durante o pré-natal, parto e pós-parto. Este tipo de violência manifesta-se de diversas formas, desde a desumanização do atendimento, negligência, até intervenções médicas desnecessárias ou realizadas sem o devido consentimento da mulher. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, com carácter de estudo descritivo e abordagem qualitativa, em que foi realizada buscas no sistema da Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde, usando os seguintes descritores: Equipe de Assistência ao Paciente, Saúde materno infantil, Violência Obstétrica. Inicialmente foram encontrados 167 resultados sem filtros, e posteriormente a aplicação reduziu-se para 13 estudos, e destes, foram lidos os seus títulos resultantes das bases de dados, restando apenas 09 artigos para a amostra na síntese qualitativa final. **Resultados:** Mediante as análises literárias, verificou-se nitidamente que a efetividade das intervenções da equipe multidisciplinar no combate à violência obstétrica destaca-se como um pilar fundamental para a garantia de um parto seguro, respeitoso e humanizado. A violência obstétrica, definida como a apropriação do corpo e dos processos reprodutivos das mulheres pelos profissionais de saúde, por meio de tratamento desumanizado, abuso de medicação e outras práticas que desrespeitam a vontade, autonomia e capacidade das mulheres de decidir sobre seus corpos e sexualidade, é uma problemática profunda, que exige ação imediata e coerente. **Conclusão:** Portanto, a implementação efetiva das intervenções por equipes multidisciplinares apresenta-se, portanto, como um caminho promissor para erradicar a violência obstétrica e assegurar um parto digno e seguro para todas as mulheres.

**Palavras-Chave:** Equipe de Assistência ao Paciente, Saúde materno infantil, Violência Obstétrica

**E-mail do autor principal:** Enfnanda1406@gmail.com

**1. INTRODUÇÃO**

A violência obstétrica é uma realidade sombria na experiência de maternidade de muitas mulheres, consistindo em abusos físicos, psicológicos, e verbais perpetrados por profissionais de saúde durante o pré-natal, parto e pós-parto. Este tipo de violência manifesta-se de diversas formas, desde a desumanização do atendimento, negligência, até intervenções médicas desnecessárias ou realizadas sem o devido consentimento da mulher (KLERING *et al.*, 2021).

É importante ressaltar que a violência obstétrica não é apenas um ato isolado de maldade; ela reflete uma estrutura maior de desrespeito e violação dos direitos das mulheres, profundamente enraizada em sistemas de saúde que frequentemente ignoram a autonomia e a capacidade de decisão da mulher sobre seu próprio corpo. Isso inclui a imposição de procedimentos dolorosos e invasivos, como cesarianas não necessárias, episiotomias (cortes no períneo durante o parto) sem consentimento, e o uso de linguagem depreciativa ou ameaçadora (CLODE *et al.*, 2021).

O impacto da violência obstétrica na mulher é profundo, podendo levar a traumas físicos e psicológicos duradouros, como depressão pós-parto, estresse pós-traumático e até mesmo a morte em casos extremos. Isso sem mencionar o efeito nefasto que pode ter na relação entre a mãe e o bebê, afetando o vínculo afetivo e a amamentação (BRILHANTE *et al.*, 2021).

Combater a violência obstétrica requer uma mudança multidimensional que envolve a conscientização da sociedade como um todo, a formação humanizada dos profissionais de saúde, a implementação de políticas públicas que priorizem os direitos reprodutivos e a saúde da mulher, além de mecanismos efetivos para denúncias e responsabilização dos agressores. Tais esforços devem ser acompanhados por uma mudança cultural que valorize o parto como um processo natural e respeite as escolhas individuais das mulheres, assegurando que sejam tratadas com dignidade e respeito durante um dos momentos mais significativos de suas vidas (MARQUES *et al.*, 2019).

Inicialmente, a conscientização e a educação são fundamentais. Profissionais de saúde promovem palestras, oficinas e campanhas informativas visando tanto à equipe médica quanto às gestantes e suas famílias, esclarecendo sobre os direitos das mulheres e a importância do respeito às suas escolhas (KLERING *et al.*, 2021).

Neste contexto, a humanização do atendimento surge como uma estratégia primordial. Médicos, enfermeiros e doulas se empenham em criar um ambiente acolhedor, onde o diálogo aberto e a participação ativa da mulher em decisões sobre o seu próprio corpo são priorizados. A presença da doula, em particular, evidencia o suporte emocional, físico e informativo, que tem provado ser de grande valia para as parturientes (BITENCOURT *et al.*, 2023).

A equipe multidisciplinar também atua na elaboração de protocolos e políticas públicas que visam garantir um atendimento baseado em evidências e livre de preconceitos. O trabalho em conjunto de juristas e profissionais de saúde é vital para a criação de legislações que assegurem o cumprimento desses padrões (CLODE *et al.*, 2021).

Além disso, a intervenção psicossocial revela-se essencial, especialmente para mulheres que já sofreram violência obstétrica. Psicólogos e assistentes sociais oferecem suporte emocional e assistência no acesso a recursos legais, abrindo caminhos para a reparação de danos e reforçando a rede de apoio à vítima (YUPANQUI-CONCHA *et al.*, 2022).

Por fim, vale destacar a importância da formação e capacitação contínuas dos profissionais envolvidos. Cursos de atualização, workshops e a interlocução entre diferentes áreas do conhecimento enriquecem a prática clínica, tornando esses profissionais mais aptos a identificar, prevenir e intervir diante de casos de violência obstétrica (BRILHANTE *et al.*, 2021).

A luta contra a violência obstétrica exige uma abordagem plural e integrada, na qual a participação ativa da equipe multidisciplinar é fundamental para garantir que a maternidade seja um processo seguro, respeitoso e digno a todas as mulheres (CLODE *et al.*, 2021).

**2. METODOLOGIA**

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, com carácter de estudo descritivo e abordagem qualitativa, em que foi realizada buscas no sistema da Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde (BVS), na qual foram selecionadas as seguintes bases de dados: Literatura Internacional em Ciências da Saúde (MEDLINE), Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e o *Scientific Electronic Library Online* (Scielo). Assim, destaca-se que durante as pesquisas realizadas, foram utilizados os vigentes Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): Aleitamento materno, Equipe de assistência ao paciente, Saúde materno-infantil.

Da mesma forma, salienta- se que os critérios de inclusão adotados durante as pesquisas foram: artigos completos, disponíveis na íntegra, provindos do idioma português, inglês e espanhol, que tivessem conexão com a temática abordada e produzidos nos períodos de 2018 a 2023. Enquanto isso, os critérios de exclusão empregados foram os artigos incompletos, sem conexão com a temática e que não atendiam a linha temporal exigida.

Com base nisso, destaca-se que para a construção do trabalho foi necessário adotar a estruturação focada em 8 etapas dispostas da seguinte forma: 1) Definição da temática, 2) Elaboração da pergunta norteadora, 3) Definição dos critérios de inclusão e exclusão para o direcionamento das pesquisas a serem realizadas, 4) Definição das bases de dados, para a efetivação das buscas científicas, 5) Seleção dos artigos que se enquadravam no tema, 6) Análise dos estudos na etapa qualitativa final, 7) Interpretação dos dados obtidos e 8) Exposição da abordagem da temática.

Salienta-se que, mediante a estratégia metodológica aplicada, dispensou-se a submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), visto que foram priorizados dados secundários, ou seja, provindos de estudos coletados e averiguados por outra pessoa através de um processo de investigação apropriado.

Desse modo, inicialmente foram encontrados 167 resultados, sem o adicionamento dos filtros. Todavia, posteriormente a aplicação dos parâmetros inclusivos, o número de achados reduziu-se para 13 estudos, e destes, foram lidos os seus títulos resultantes das bases de dados e excluídos os que não condiziam com a temática, restando apenas 09 artigos para a amostra na síntese qualitativa final.

**3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Mediante as análises literárias, verificou-se nitidamente que a efetividade das intervenções da equipe multidisciplinar no combate à violência obstétrica destaca-se como um pilar fundamental para a garantia de um parto seguro, respeitoso e humanizado. A violência obstétrica, definida como a apropriação do corpo e dos processos reprodutivos das mulheres pelos profissionais de saúde, por meio de tratamento desumanizado, abuso de medicação e outras práticas que desrespeitam a vontade, autonomia e capacidade das mulheres de decidir sobre seus corpos e sexualidade, é uma problemática profunda, que exige ação imediata e coerente (BRILHANTE *et al.*, 2021).

A intervenção de uma equipe multidisciplinar composta por obstetras, enfermeiras obstétricas, doulas, nutricionistas, psicólogos, entre outros profissionais, é crucial para promover um ambiente de assistência integral, que respeita os direitos das mulheres e fomenta práticas baseadas em evidências científicas. Esses profissionais, trabalhando de forma integrada, podem oferecer cuidados que respeitam as preferências, necessidades e individualidades de cada mulher, contribuindo para a diminuição do risco de episódios de violência obstétrica (CLODE *et al.*, 2021).

A equipe multidisciplinar, ao atuar focada na escuta ativa e empática das mulheres, promove não apenas uma intervenção técnica, mas também uma assistência humanizada, que contempla os aspectos emocionais, psicológicos e culturais envolvidos no processo de parto e nascimento. Essa abordagem favorece o estabelecimento de uma relação de confiança mútua entre profissionais e gestantes, essencial para a construção de um ambiente seguro e acolhedor (KLERING *et al.*, 2021).

Além disso, a formação e capacitação contínua dos profissionais de saúde para reconhecer e combater práticas que configuram violência obstétrica, assim como a implementação de políticas públicas que incentivem o parto humanizado, são medidas indispensáveis para a efetividade dessas intervenções. É imprescindível ainda, uma mudança cultural que valorize a autonomia da mulher e estabeleça o respeito aos seus direitos como fundamentos inalienáveis de qualquer prática obstétrica (MARQUES *et al.*, 2019).

A atenção humanizada na saúde, e especialmente contra a violência obstétrica, é um aspecto crítico que requer um enfoque empático, respeitoso e individualizado ao cuidado das mulheres durante a gestação, parto e pós-parto. A violência obstétrica, compreendendo qualquer ato de violência física ou psicológica, negligência, ou tratamento desumanizado durante o atendimento obstétrico, é uma realidade infelizmente ainda presente em vários contextos. Neste cenário, a equipe multidisciplinar desempenha um papel fundamental, não apenas no combate a essas práticas, mas também na promoção de um ambiente seguro, acolhedor e respeitoso (CLODE *et al.*, 2021).

A essência da equipe multidisciplinar reside na sua diversidade de conhecimentos e habilidades, abrangendo profissionais de saúde como obstetras, enfermeiras obstétricas, parteiras, pediatras, anestesistas, psicólogos, assistentes sociais, entre outros. Esta composição permite não só uma abordagem abrangente da saúde física, mas também do bem-estar emocional e psicológico da mulher e do bebê (BITENCOURT *et al.*, 2023).

A cooperação e a comunicação efetiva entre os membros da equipe são cruciais. Cada profissional traz sua expertise específica, contribuindo para uma compreensão holística e integral das necessidades da mulher. Por exemplo, enquanto obstetras e enfermeiras obstétricas focam na saúde física e nos procedimentos médicos, psicólogos e assistentes sociais oferecem suporte emocional, ajudando a lidar com medos, ansiedades ou traumas anteriores (OLIVEIRA *et al.*, 2021).

Além da diversidade de competências, a atuação multidisciplinar promove a prática da decisão compartilhada. Isso significa envolver ativamente a mulher (e, quando apropriado, sua família) no processo de tomada de decisão sobre os cuidados e intervenções que receberá, respeitando suas vontades, preferências e valores. Este é um aspecto central da atenção humanizada, contrapondo-se diretamente à violência obstétrica, que muitas vezes se manifesta através da falta de informação, consentimento e respeito pelas escolhas da mulher (BRILHANTE *et al.*, 2021).

Assim, a presença e o trabalho integrado de uma equipe multidisciplinar na atenção à saúde obstétrica são indispensáveis para assegurar uma experiência positiva de parto e nascimento, livre de violência obstétrica. Ao priorizar a humanização no atendimento, reconhecendo a complexidade das necessidades de cada mulher, a equipe multidisciplinar torna-se um pilar essencial na promoção da saúde materna, neonatal e na garantia dos direitos das mulheres (KLERING *et al.*, 2021).

Portanto, a atuação da equipe multidisciplinar no combate à violência obstétrica apresenta-se como um caminho viável e eficaz para transformar a realidade do parto, promovendo uma experiência positiva e empoderadora para as mulheres, livre de violência e desrespeito (CLODE *et al.*, 2021).

**4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este artigo explorou de forma abrangente a efetividade das intervenções da equipe multidisciplinar no combate à violência obstétrica, destacando sua complexidade e a importância de uma abordagem holística para lidar com esse grave problema que afeta mulheres em um momento tão crucial que é o do parto. Através da análise de diversas estratégias e programas implementados, evidenciou-se que a intervenção de equipes multidisciplinares não apenas contribui significativamente para a redução da violência obstétrica, mas também promove uma cultura de cuidado e respeito aos direitos das mulheres gestantes

As evidências coletadas indicam que a capacitação contínua dos profissionais de saúde, o fomento da empatia e do respeito pela autonomia da mulher, aliados à implementação de políticas públicas efetivas, são elementos chave na luta contra a violência obstétrica. Além disso, a participação ativa de profissionais de diferentes áreas, como obstetras, enfermeiros, assistentes sociais e psicólogos, proporciona um atendimento mais completo e sensível às necessidades físicas e emocionais das mulheres

Contudo, ressalta-se a necessidade de mais estudos e pesquisas que acompanhem de perto os resultados das intervenções e sua sustentabilidade a longo prazo, bem como investigações que possam elucidar novas formas de atuação e prevenção. A violência obstétrica é uma forma de violência de gênero, e seu combate requer esforços contínuos, multidisciplinares e, sobretudo, o comprometimento da sociedade como um todo

Ao passo que avançamos na compreensão e no tratamento deste fenômeno, é imperativo que os esforços sejam direcionados não apenas para a punição dos atos de violência, mas principalmente para a prevenção, a sensibilização e a promoção de uma cultura de cuidado que respeite os direitos e a dignidade de todas as mulheres. A implementação efetiva das intervenções por equipes multidisciplinares apresenta-se, portanto, como um caminho promissor para erradicar a violência obstétrica e assegurar um parto digno e seguro para todas as mulheres.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BITENCOURT, A.C; OLIVEIRA, S. L. Obstetric violence for professionals who assist in childbirth. Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil [online]. 2022, v. 22, n. 04 [Accessed 20 April 2024], pp. 943-951. Available from: [https://doi.org/10.1590/1806-9304202200040012 https://doi.org/10.1590/1806-9304202200040012](https://doi.org/10.1590/1806-9304202200040012%20https://doi.org/10.1590/1806-9304202200040012). Epub 27 Jan 2023. ISSN 1806-9304.

BRILHANTE, A. V. Obstetric Violence and Medical Education. Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil [online]. 2021, v. 21, n. 03 [Accessed 20 April 2024], pp. 965-966. Available from: <https://doi.org/10.1590/1806-93042021000300013>. Epub 25 Oct 2021. ISSN 1806-9304.

CLODE, N; AREIA, A.L. Informação e consentimentos informados. Uma forma de lidar com a violência obstétrica. Acta Obstet Ginecol Port, Algés , v. 15, n. 3, p. 210-211, set. 2021 . Disponível em <http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1646-58302021000300210&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 20 abr. 2024. Epub 30-Set-2021.

KLERING, N.M. Obstetric violence and medical education: answering “Who Is Afraid of Obstetric Violence?”. Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil [online]. 2021, v. 21, n. 1 [Accessed 20 April 2024], pp. 345-346. Available from: <https://doi.org/10.1590/1806-93042021000100018>. Epub 31 May 2021. ISSN 1806-9304.

LIMA, K.D; PIMENTEL, C.L. Disparidades raciais: uma análise da violência obstétrica em mulheres negras. Ciência & Saúde Coletiva [online]. 2021, v. 26, suppl 3 [Acessado 20 Abril 2024], pp. 4909-4918. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320212611.3.24242019>. Epub 15 Nov 2021. ISSN 1678-4561.

MARQUES, G.M; NASCIMENTO, D. Z. Alternativas que contribuem para a redução da violência obstétrica. Ciência & Saúde Coletiva [online]. 2019, v. 24, n. 12 [Acessado 20 Abril 2024], pp. 4743-4744. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320182412.236612019>. Epub 25 Nov 2019. ISSN 1678-4561.

OLIVEIRA, L.L.F. Characterization of obstetric care developed in teaching hospitals in a capital of northeast Brazil. Revista Brasileira de Enfermagem [online]. 2022, v. 75, n. 01 [Accessed 20 April 2024], e20200896. Available from: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0896>. Epub 24 Sept 2021. ISSN 1984-0446.

POO, A. M. Representación de la violencia obstétrica que construyen profesionales matronas de la ciudad de Temuco. Ver. Chil. Obstet. Ginecol., Santiago , v. 86, n. 4, p. 374-379, agosto 2021 . Disponible em <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-75262021000400374&lng=es&nrm=iso>. Accedido em 20 abr. 2024. <http://dx.doi.org/10.24875/rechog.m21000016>.

YUPANQUI-CONCHA, A.A.M. “Yo fui violentada adentro, estando em um lugar que me tenían que cuidar”: Experiencias de opresión y violencias em contextos de salud hacia mujeres com discapacidad y abordajes desde la terapia ocupacional feminista. Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional [online]. 2022, v. 30, n. spe [Accedido 20 Abril 2024], e3104. Disponible em: [https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO238231043 https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO238231042](https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO238231043%20https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO238231042). Epub 08 Jun 2022. ISSN 2526-8910.